

romance chega a roçar o ensaio sociológico, como, entre outros exemplos, quando Jorge Marques se ocupa da interpretação dos usos e abusos do folclore por parte de alguns intelectuais *soi-disant* aristocratas que, se aproveitando da cultura do povo, revelam-se bem mais preocupados com a proclamação de uma curiosa espécie de estética da miséria engraçada, se isto for concebível, do que com a dignidade do nosso povo:

Admito (observa Jorge Marques) que se preservem essas manifestações (folclóricas), quando menos curiosas. Que elas façam parte da cultura de um país, mas exibi-las a torto e a direito, não. Não acredito que alguém sinceramente se embeveça, se emocione, vendo essas besteiras. A mim, particularmente, causam pena, me deprimem. Não me entusiasma ver meu povo tão miserável a macaquear para um grupo de esnobes, hipócritas, fingindo extasiar-se com essas figurações somente porque estão na moda (p. 137).

Não se limita, portanto, *Vingança de Desvalidos*, apenas à denúncia das mazelas crônicas da política e da economia do País, indo bem mais fundo ao atingir a incontornável dimensão política da cultura artística, como, de resto, de tudo que é produzido pelos seres humanos em sociedade. Com o seu mais novo romance, Gilvan Lemos nos leva a uma inquietante reflexão não somente sobre um determinado momento da nossa história, o atual, mas a respeito dos traços mais persistentes de uma sociedade patologicamente oligárquica.

Sebastião Vila Nova  
Fundação Joaquim Nabuco  
Universidade Católica de Pernambuco

MELO, Alberto da Cunha. *Um certo Louro do Pajeú*. Natal: Ed. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2001. 77 p.

Entre as manifestações artísticas do povo do Nordeste brasileiro, a poesia improvisada ao som da viola, os chamados “repentes”, destaca-se como uma das mais refinadas e originais expressões da nossa cultura popular. Se a poesia dos folhetos, originada da cantoria dos repentistas, tem sido objeto de interesse de notáveis estudiosos do folclore nordestino,

não só do Brasil mas, igualmente do estrangeiro – Raymond Canel, Mark Curran, Candace Slater, entre outros –, já a poesia improvisada ao som da viola não tem merecido a mesma atenção. Daí constatar Ivanildo Vila Nova, um dos mais brilhantes repentistas da atualidade: “Sobre o cantador o que se escreveu foi muito pouco, muito parcial na maioria das vezes” (p. 22).

O livro-reportagem de Alberto da Cunha Melo, sociólogo e poeta de renome nacional, sobre o repentista Lourival Batista, conhecido como Louro do Pajeú, pode representar a emergência do interesse dos estudiosos da cultura popular nordestina por essa manifestação da arte do Nordeste rural. Pertencendo a uma família de notáveis cantadores – dois dos seus irmãos, Dimas e Octacílio, também se destacaram na mesma arte –, como constata Alberto da Cunha Melo,

...por se dedicar exclusivamente ao seu destino de cantador de viola, Lourival tornou-se o mais famoso dos três, marcando profundamente a mitologia poética de uma cidade – São José do Egito – e de uma família – Batista/Patriota, a ponto de Lúcia de Assunção, em seu texto, *Meu pai, sua vida e sua viola*, afirmar que ‘há em toda a família 100 cantadores’ (p. 8).

Não constituindo uma biografia, o livro de Alberto da Cunha Melo é antes um retrato do grande artista popular do Nordeste e, através dele, uma prospecção da vida difícil, das vicissitudes do cantador e do descaso daqueles que, nos órgãos de governo, lidam com a cultura em relação a esse tipo de poeta. Lourival Batista é, por assim dizer, a personificação do tipo ideal, no sentido weberiano do termo, que, no seu dia-a-dia, resume a vida típica de um cantador nordestino.

Conforme observa o autor,

... o que revela maior grau de preconceito é uma espécie de complacência com que a maioria dos intelectuais urbanos trata a cantoria e os cantadores, a complacência própria com que são tratadas as coisas do folclore, de interesse meramente turístico, como o canguru na Austrália (p. 21).

E completa:

Quando convivemos entre esses dois mundos, quando conhecemos mais de perto os violeiros, a nossa tendência é

inverter a equação, e olhar com pena para uma legião de pobres diabos que só poderão ser lembrados enquanto vivos e por uma minoria insignificante de pessoas (idem).

Além da reportagem, escrita em maio de 1993, o livro de Alberto da Cunha Melo traz alguns anexos, entre os quais destaca-se *Da poesia extrovertida do árabe ao poeta-repentista*, no qual o autor, baseado no livro do professor de Estética Musical e violinista Luis Soler, *As Raízes Árabes na Tradição Poético-Musical do Sertão Nordestino*, comenta a hipótese de que a cantoria, ao contrário do que defenderam os estudiosos Amadeu Amaral e Luís da Câmara Cascudo, não tem sua origem na tradição trovadoresca medieval, mas nasceu antes da poética arábico-ibérica, até porque a própria tradição trovadoresca foi tributária daquela vertente. Apresentando iconografia preciosa, além de algumas jóias da poesia de Lourival Batista, o livro de Alberto da Cunha Melo representa importante contribuição ao conhecimento da poesia popular nordestina.

Sebastião Vila Nova  
Fundação Joaquim Nabuco  
Universidade Católica de Pernambuco

#### Referência Bibliográfica

- <sup>1</sup> ALBUQUERQUE, Lígia, FISCHER, Izaura Rufino. *O trabalho feminino*. Recife: Massangana, 1996.